

## A CARTA PEDAGÓGICA COMO MEMÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DO CAFÉ COM PAULO FREIRE GRAMADO

Neusa Maria dos Santos -Café com Paulo Freire Gramado<sup>1</sup>  
Ilda Renata da Silva Agliardi - Café com Paulo Freire Gramado<sup>2</sup>

### Resumo:

O Café com Paulo Freire de Gramado teve início em setembro de 2020, resultando em um sonho que se concretizou em plena pandemia. A partir dessa experiência, resolvemos escrever esta carta, que é, também, um convite a escrita, a exemplo de Dona Neusa, que ao participar do nosso café vem contribuindo com suas experiências e memórias, nos ajudando a refletir sobre Freire e sobre a educação. Assim, a partir de uma carta de Dona Neusa e tomando como base as cartas pedagógicas que Ilda estuda e utiliza em suas pesquisas, esta parceria ganhou vida, sendo traduzida por meio desta carta.

**Palavras-chave:** Carta Pedagógica. Memória. Educação.

Caras/as companheiras dos do Café com Paulo Freire,

Muito se tem falado sobre o sofrimento dos professores. Eu, que ando sempre na direção oposta, e acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas, quero falar sobre o contrário: a alegria de ser professor. (ALVES, 1994, p. 8).

Eu sou a professora Neusa. Nos idos de 1969 iniciei a minha vida profissional no Magistério. Tendo me formado em Filosofia em plena ditadura militar, ao chegar na Escola Normal de Canela foi difícil iniciar, pois a filosofia havia sido afastada do currículo e acabei dando aulas de várias matérias, inclusive de matemática. Foi meio difícil, mas busquei estudar e usar de toda criatividade possível para dar conta da tarefa.

Também nesta época foi criada a disciplina de *Educação Moral e Cívica*. Entendo até que era uma matéria necessária, não como nos apresentaram. Um programa rígido, feito por militares, escritos numa lei que tornava obrigatório o conteúdo ali descrito. Lógico, fui premiada com esta disciplina e tive que assinar um termo de compromisso que determinava que não podia me afastar daquele conteúdo. Trabalhei na disciplina por dois ou três anos, inventando formas de

---

<sup>1</sup>Professora e Técnica Judiciária aposentada. Membro do grupo Café com Paulo Freire em Gramado-Contato: neusinha.ms46@gmail.com.

<sup>2</sup> Curadora do Café com Paulo Freire em Gramado, Mestranda em Educação na UERGS. Contato: itrenata@hotmail.com

desenvolver as aulas de modo agradável. Aí surgiu uma oportunidade, que foi fazer concurso para trabalhar numa Escola Polivalente, um projeto do MEC-Usaid (1967), isto é, um acordo com os Estados Unidos da América que deveria preparar o aluno do ensino fundamental para seguir o ensino técnico.

Nesta escola tive uma das maiores experiências, já então como Orientadora Educacional. Nesta função permaneci por 17 anos e tive facilidade em me dedicar graças à equipe da Escola, o que foi muito bom. Segui até completar 21 anos de serviço. Passei por todo o período das memoráveis greves do magistério, com destaque para os anos de 1980/1990, estas tão mal faladas e pouco compreendidas. Não era uma luta apenas por salário, mas para melhorar a educação.

Quando surgiu um momento que eu poderia retomar os estudos, pensei em me especializar na área da educação. Já tinha começado o curso de Direito, que não hesitei em abandonar para fazer o curso de Orientação Educacional, alguns anos antes. Tive que fazer uma avaliação da minha vida e ver o que materialmente me seria mais benéfico – ir para a Pós-graduação ou terminar o Direito. Com muitas dúvidas optei pelo Direito.

Formada, fiz minha OAB. Com isso, durante a manhã e a noite trabalhava na Escola, e à tarde no escritório. Logo percebi que não daria, pois além do desgaste com três turnos de trabalho, a carreira na advocacia é bem difícil: não do ponto de vista teórico, mas prático. Enquanto advogada, eu não tinha coragem de cobrar dos clientes e comecei a fazer concursos, quando, então, fui aprovada para o cargo de Técnico Judiciário de Nível Superior no Tribunal de Justiça do Estado. Assim, levei meu tempo de magistério e já assumi com excelente salário.

Por um lado, a mudança foi benéfica, mas por outro eu sentia a falta do burburinho da Escola. Uma coisa é trabalhar ajudando pessoas a crescerem e a se tornarem cidadãos; outra, é sentar-se numa mesa e ficar no serviço burocrático, do qual o resultado não te emociona. Faltava o calor humano. Tive ótimos colegas, mas meu grupo de amigos até hoje são professores.

Não deixei de ser educadora, pois na minha militância na área do direito trabalhei com a pobreza. Defendi posseiros, pessoas que não podiam pagar. Tive alguns êxitos como advogada, mas em meu coração e até nas minhas petições demorei a perder a “escrita professoral”, para me dedicar ao “jurisdiquês”, com o qual não me adaptei tão bem.

Ao finalizar, deixo uma reflexão para todos, com este trecho do livro “Lições do Príncipe e outras Lições”, de Neidson Rodrigues.

[...] embora a escola esteja comprometida com os interesses econômicos, sociais e políticos dominantes, reproduzindo ou legitimando estas estruturas, ela também atende aos interesses dos setores marginais da sociedade, das classes sem voz e voto. Ela é a instância das mais importantes na luta pela transformação social requerida por estas classes. Fazendo um giro sobre a crítica, elabora-se uma nova postura crítica ao pensar a escola por dentro. Nesse processo, procuramos verificar **o que** deve fazer e **como** deve fazer a escola para se tornar um instrumento eficiente de luta pela mudança social (1996, p. 68)

O Café Gramado teve início em setembro de 2020. Foi um sonho que se concretizou em plena pandemia, com a curadoria de Luiz Penteado, Maria Gorete Rodrigues da Silva, Raquel Tomazini e Ilda Agliardi. Para a nossa primeira temática de estudo, escolhemos as cartas pedagógicas. Assim, no nosso primeiro encontro apresentamos as cartas como possibilidade de diálogo pelo grupo do café. E, ao final, provocamos as/os participantes a escreverem cartas.

A carta que apresentamos inicialmente, reiteramos que foi uma produção da Dona Neusa, uma colega querida que sempre participa ativamente de nossos encontros, contribuindo com suas experiências e memórias. Em conjunto com dona Neusa, eu, Ilda, trago a carta como um convite ao diálogo, pois, ao mesmo tempo em que falamos, queremos escutar.

Freire aponta para o diálogo como força propulsora que problematiza nosso ser/estar no mundo. E em seus escritos, sinaliza para que, ao estudá-lo, recriemos sua obra. Ele não nos dá um modelo a ser seguido, mas sugere que, inspirados em sua obra, façamos uma reflexão sobre nossas ações, para agirmos diferente, em busca da utopia, da concretização do sonho de um mundo mais justo e digno para todos e todas viverem. E tudo isso significa e representa a nossa jornada. Sobre o sonho, Freire (1993, p. 173) nos diz,

Talvez algum leitor ou leitora mais “existencialmente cansado” e “historicamente anestesiado” diga que eu estou sonhando demasiado. Sonhando, sim, pois que, como ser histórico se não sonho não posso estar sendo. Demasiado, não. Acho até que sonhamos pouco com esses sonhos. Tão fundamentalmente indispensáveis à vida ou a solidificação de nossa democracia.

Somos e, ao mesmo tempo, sonhamos com um mundo melhor. Somos mais e podemos ainda mais. Para tanto, o diálogo, a fala, a escuta e a reflexão se

apresentam como elementos fundamentais nesse caminho a ser trilhado. Que Freire nos sirva de inspiração para esperarmos por um mundo mais dialógico, que respeite as diferenças, as diversidades. Façamos, portanto, a nossa parte enquanto educadores que sonham, que lutam e que buscam um mundo mais justo de se viver.

Reconhecemos, assim, que mesmo em um contexto desfavorável, com os sonhos abortados pelo golpe político de 2016, que resultou no impeachment da então presidenta eleita democraticamente, Dilma Rousseff, não podemos desesperançar. Mesmo diante do contexto pandêmico atual, que enluta tantos brasileiros e nos entristece, permeado pelo discurso do senso comum, anti-ciência e, até mesmo anti-humano, tendo em vista o aumento da pobreza no Brasil, não podemos perder o esperançar proposto por Paulo Freire, posto que é luta, é ação, e não uma espera vã.

Pensando nisso, o diálogo, a partir de cartas, relatos, memórias e reflexões, torna-se um instrumento importante a serviço deste esperançar, pois ao ser compartilhado, enquanto construção coletiva, favorece para que juntas(os) nos fortaleçamos na luta por um mundo melhor, de todas e para todos. Além disso, ele contribui, também, para documentarmos o que foi vivido, experienciado e aprendido.

Pensando nisso, lançamos um convite a novos diálogos. Vamos criar uma rede de escrita de cartas? Cada um/a escreve sobre o que lhe toca, inquieta e emociona, para problematizarmos e documentarmos o momento que vivemos. Quem aceitar o convite pode encaminhar as cartas [cafepfreiregramado@gmail.com](mailto:cafepfreiregramado@gmail.com). Estamos abertas/os ao diálogo.

Com afeto e esperança.

*Ps.: “Os sonhos são projetos pelos quais se luta” Paulo Freire (2000, p. 26).*

### **Referências:**

- ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. São Paulo: Ars poética editora LTDA. 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, Não: Cartas a quem Ousa Ensinar**. São Paulo: paz e Terra, 1993.
- RODRIGUES, Neidson. **Lições do Príncipe e Outras Lições**. São Paulo: Cortez, 1996.